

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

O fio do segredo

Ed Freire³⁴

Sentado no banco tosco da pracinha da cidade, aguardava o ônibus que deveria passar em um quarto de hora. Era a única forma de sair daquela cidadezinha esquecida do sertão, onde eu fora ministrar um curso de fim de semana aos professores da escola empoeirada na curva da estrada.

Vendo minha mala gasta, posta displicentemente ao lado da perna esquerda, um senhor idoso se aproximou e entabulou conversa.

— O moço pretendia pegar o ônibus para a capital?

Fiquei surpreso com a pergunta inopinada do velho. Eu não pretendia, eu pretendo pegar o ônibus.

— É porque mandaram avisar da garagem que o ônibus está no prego, talvez demore uma hora para o mecânico descobrir o que é.

O Cosmo estava mesmo conspirando para que eu passasse mais tempo naquela cidade que decrescia a cada ano, informaram-me na escola. Os rapazes andavam em debandada para a Terra da Garoa, coisa que ali, no sertão, era até nome feio, de tão desconhecido. Iam sonhando e delirando em cavar fortuna em alguma mina ainda não descoberta, quem sabe algum deles não a encontraria mesmo... As moças, suspirantes nas janelas, aguardavam que os rapazes se frustrassem e voltassem para a pequena urbe que os tecera, a todos, em seu útero semiárido.

Agradei ao senhor e disse que aquele atraso me custaria uma repreensão da patroa.

— O calango não corre rápido para ser gracioso, mas para evitar a areia quente da caatinga! — Ele me respondeu com um enigma, ou com um adágio popular que deveria ser só daquele lugarzinho perdido no meio do nada.

34 Edmilson Soares Freire é cearense, Mestre em História e Cultura pela UNESP, onde cursa Doutorado na mesma área.

Apresentei-me como professor de literatura, e ele segurou forte minha mão e se apresentou como Cazuza Bianco, "atualmente um dos aposentados que o Governo quer que morra logo", palavras que me pareceram ditas sem ressentimento, com um fundo meio cênico de quem sabe que a vida vale a pena, mesmo o pão pela hora da morte e a liberdade de se revoltar contra, muito pequena.

Seu Cazuza me disse que dentro de três meses, se o Bom Deus permitisse, ele completaria um século de existência pisando esta terra seca do sertão, já que nunca se afastara de seu torrão por muito tempo. Fiquei espantadíssimo, aquele senhor de olhos faiscantes não parecia ter aquela idade. Lúcido, caminhando com prudência, é certo, mas como se tivesse jogado fora o peso dos anos. Perguntei-lhe qual o segredo para chegar àquela idade tão bem.

— O moço tem razão, é um segredo mesmo, mas tão simples que se todos soubessem... Se bem que, não sei, não, muitos estão como que cegos, ou acorrentados, e talvez mesmo sabendo, não conseguiriam andar no fio do segredo. Sim, porque o segredo do segredo é andar no fio do segredo. O segredo pode até ser divulgado, mas andar no seu fio é que é difícil... O meu segredo é que nunca bebi cachaça, nunca nem sequer a espuma da cerveja beijou meus lábios... Nem sei que cheiro tem esse tal de uísque que anda corroendo o sangue de muitos cabras por essas bandas...

A admiração por aquele senhor de cerviz inabalável, nem uma leve curvatura o impelia a olhar para o chão, aumentava a cada frase que ele pronunciava sem pressa, mas também sem as pausas de como quem vai perdendo os fios escarlates de Raabe.

— O sertão é um dragão voraz e o álcool é um acabador de corpo, o cabra que se entrega a ele, rapidinho é devorado. Aqui, talvez mais do que em outros lugares, é preciso fazer sopa de três ingredientes: equilíbrio para aproveitar as coisas boas, fuga para evitar as coisas más e sabedoria para destrinchar as coisas neutras. O cabra que não leva a sério isso está lascado, não aguenta muito nos intestinos do Tempo.

Parecia que eu estava diante de uma fonte inesgotável de sabedoria. Não conseguia tirar os olhos de Seu Cazuza. Mandeí os neurônios se transformarem em esponjas e os ouvidos, em baldes. O Tempo parecia ter parado para que eu ouvisse aquele senhor. Contou-me de sua vida atribulada, o pai alcoólatra chegando a casa, a mãe trêmula agarrando os filhos em fuga... Quando tinha oito anos, Seu Cazuza vira o pai caído na rua, os cachorros lhe lambendo a face... Naquele momento, o menino virou homem e prometeu a si mesmo, tomando o próprio Deus como testemunha, que nunca sua garganta veria correr o rio da morte...

— Seu moço, alguma coisa morreu dentro de mim, naquela hora. Hoje, tenho a certeza de que o fado de repetir a vida de meu pai estrebuchou e morreu, ali mesmo, eu ainda tão menino, as lágrimas correndo na face quente como as águas da chuva no chão do sertão.

Contou-me muita coisa, de como sobrevivera à malária; de como conseguira se casar com a mulher que amava, apesar de o pai dela, inicialmente, não aceitar que "um filho de cachaceiro viesse manchar a história da família"; de como Deus mandara uma chuva milagrosa, só para o seu roçado, enquanto tudo estorricava ao redor...

Deleitava-me com as palavras de Seu Cazuza quando o ônibus chegou. Já? Podia ter demorado mais! Ele me apertou novamente a mão, com firmeza, e olhou para mim de tal forma que, senti como se uma epifania arrepiasse a alma e me fizesse entender o sentido de tudo, o sentido da vida... Se me perguntassem sobre o tudo, eu responderia!

Quando me encaminhava para o ônibus, um rapaz passou com uma caixa de isopor, vendendo refrigerante e cerveja. Um sorriso de Mona Lisa entortou levemente os lábios de Seu Cazuza, enquanto eu, subindo os degraus do ônibus, consternava-me de não poder ficar ali, o dia todo, ouvindo aquele Salomão do sertão.

Fortaleza, 7 de dezembro de 2014.